

Da Liberdade e da Experimentação: Ideias em torno da obra de Teixeira Coelho

*Of Freedom and Experimentation:
Ideas surrounding the work of Teixeira Coelho*

Naiene Sanchez Silva¹

<https://orcid.org/0000-0003-4688-8933>

Lucia Maciel Barbosa de Oliveira²

<https://orcid.org/0000-0002-0845-7676>

Recebido: 11/01/2024

Aprovado: 07/09/2024

Publicado: 31/12/2024

DOI: 10.5965/235809252812024e05126

¹ Doutora e mestre em Cultura e Informação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - ECA USP, especialização em Gestão e Políticas Culturais pela Universidade de Girona/ Itáu Cultural e graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Participa do ColabCult: Grupo de Pesquisa em Política e Ação Cultural ECA/USP. Foi responsável pela coordenação acadêmica e pedagógica do curso de Especialização em Gestão e Políticas Culturais da Universidade de Girona / Itáu Cultural. Atuou como docente em distintos programas de formação artística. Como professora e atriz do Centro de Pesquisa Teatral (CPT/SESC) ministrou oficinas dentro e fora do Brasil. Possui experiência em políticas culturais, artes da cena e gestão cultural. E-mail: ssnaiene@gmail.com

² Docente e pesquisadora no Departamento de Informação e Cultura da Escola de Comunicações e Artes da USP e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - PPGCI - ECA - USP. Doutora em Ciência da Informação, área de concentração Informação e Cultura, Linha de pesquisa Ação e Mediação Cultural, pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da USP, possui graduação em História pela Universidade de São Paulo, Licenciatura em História pela Faculdade de Educação da USP. Atua na área de ação cultural, política cultural e apropriação social da informação. Desenvolve o projeto Que políticas culturais para o século XXI?. Coordena o ColabCult: Grupo de Pesquisa em Política e Ação Cultural. Integra o grupo de estudo Humanidades Computacionais, no IEA - USP. Ao longo de 2016, no Programa Ano Sabático da Pró-Reitoria de Pesquisa e do Instituto de Estudos Avançados da USP, desenvolveu o projeto de pesquisa Dinâmicas culturais contemporâneas: imbricações entre singularidades, coletivos, tecnologias e instituições culturais na perspectiva do Comum, resultando, entre outros, no filme Dinâmicas, Flutuações e Pontos Cegos. Diretora do Centro Universitário Maria Antonia de 2018 a 2022. Atualmente participa do Programa Eixos Temáticos da USP, vinculado à Reitoria, como uma das coordenadoras do Eixo Cultura e Artes. E-mail: mbol.lucia@gmail.com

Resumo

O presente artigo busca refletir sobre aspectos da atuação e da produção de Teixeira Coelho. Pioneiro na compreensão da cultura como campo de conhecimento, o Professor Emérito da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo contribuiu para ampliar a presença da ideia de cultura no escopo das ciências humanas dentro e fora do Brasil. Teixeira Coelho é um formador de ideias e de atores culturais, tendo como elemento norteador a liberdade. Fiel à arte, não abriu mão dela na construção de seu legado, compreendendo-a como uma exacerbação e uma exasperação da cultura.

Palavras-chave: Teixeira Coelho; Cultura; Arte; Liberdade.

Abstract

This article seeks to reflect on aspects of Teixeira Coelho's performance and production. A pioneer in understanding culture as a field of knowledge, the Professor Emeritus of the School of Communications and Arts at the University of São Paulo contributed to expanding the presence of the idea of culture in the scope of human sciences inside and outside Brazil. Teixeira Coelho is a creator of ideas and cultural actors, with freedom as his guiding element. Faithful to art, he did not give up on it in the construction of his legacy, understanding it as an exacerbation and exasperation of culture.

Keywords: Teixeira Coelho; Culture; Art; Freedom.

Arte: exasperação da cultura

Na produção audiovisual intitulada “Memória” (2021), o diretor Apichatpong Weerasethakul apresenta-nos a orquidófila Jéssica – personagem interpretada por Tilda Swinton. A orquidófila, detém-se a reconstituir e decifrar um som que sua memória não consegue esquecer. Em busca dessa reconstituição, Jéssica conversa, irrestritamente, com personagens que representam distintos arquétipos. São personagens inseridos em contextos culturais distintos, possuem idades, profissões e rotinas variadas. Jéssica deixa-se levar pelos múltiplos modos de vida que encontra durante sua jornada em busca da reconstituição do som que a persegue. No decorrer desses encontros, experimenta novos comportamentos, práticas, tempos e, assim, se enche de reflexões inéditas.

Teixeira Coelho faz algo similar em seus escritos e práticas culturais; isto é, inaugura – parafraseando o próprio pensador – largas conversas com seus interlocutores. Teixeira Coelho reconstitui o conceito de cultura a todo tempo. Sempre conectado com o novo, o pensador busca atualizar-se a partir da compreensão das sensibilidades que despontam na contemporaneidade.

Os escritos de Teixeira Coelho indicam que a cultura é um ato de construção e desconstrução permanente capaz de apurar nossos sentidos. Desconfiar do ontem – mesmo tendo consciência dele – abre portas para um presente prenhe de futuro.

O borrar de fronteiras, o prazer de surpreender-se consigo mesmo são, de igual modo, traços em comum entre Jéssica e os temas que o acadêmico aborda em várias de suas produções. Ambos - personagem e escritor - propõem caminhos capazes de apurar suas respectivas sensibilidades; conseqüentemente, sintonizam-se, com a pluralidade de sons e vozes que há nas diversas culturas; conectam-se com o outro em uma relação de alteridade; tateiam inclusive e sem receios, o incognoscível. Perseguem, de diferentes modos, ampliar a esfera de presença de seu ser, ideia poética a orientar a vida, que outra coisa não é se não “a capacidade de discernir de modo agudo, sutil e rápido entre uma coisa e outra” (2008, p.36)³.

Como nota Teixeira Coelho⁴, é pelo sentimento e pela sensação que a cultura

³ Axioma extraído do verbete inacabado de Montesquieu para a Enciclopédia Iluminista de D’Alembert e Diderot, versa sobre o Gosto. Teixeira Coelho traduziu o verbete e escreveu o posfácio, sendo publicado pela Editora Iluminuras em 2005.

⁴ Aula ministrada no Curso de Especialização em Gestão e Políticas Culturais, realizado pelo Itaú Cultural em parceria com a Cátedra Unesco de Políticas Culturais e Cooperação da Universidade de Girona, da

começa. A cultura surge da experiência subjetiva do estado de homeostasia de um corpo vivo. Serve para que os seres humanos possam retomar o equilíbrio. A garantia da sensação de homeostasia configura-se, assim, como a primeira função da cultura. Trata-se de reconectar-se com a natureza e com o outro de modo a criar condições para ampliar nossas experiências. Compreendendo, como propõe, que a arte é uma exacerbação e uma exasperação da cultura, a única autêntica exceção cultural. Provocar o pensamento crítico rigoroso, de maneira a lutar contra a mediocridade, expandir a liberdade e a autonomia, é o motor a mover Teixeira Coelho nas mais diferentes áreas de sua vasta atuação. Dessa vastidão trataremos a seguir.

Pontuações sobre a trajetória de Teixeira Coelho

O título de Professor Emérito da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo foi outorgado a José Teixeira Coelho Netto em 2015. Ao longo de sua trajetória acadêmica, publicou quarenta e quatro livros – dentre os quais sete são obras ficcionais⁵. Diante da ampla lista de atividades executadas por Teixeira Coelho, no âmbito da Universidade, destacam-se a criação do Observatório de Políticas Culturais da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) e a elaboração do “Dicionário Crítico de Política Cultural”. Dirigiu o Departamento de Informação e Documentação Artística (Idart) da Secretaria de Cultura da cidade de São Paulo entre os anos 1993 a 1996, experimento inovador cujas diretrizes foram imprimidas por seu primeiro diretor, o poeta-inventor Décio Pignatari.

Outra atuação a ser ressaltada foi a direção do Museu de Arte Contemporânea (MAC) da Universidade de São Paulo entre 1998 e 2002. Na sequência, no período de 2006 a 2014, assumiu a direção e a curadoria do Museu de Arte de São Paulo (MASP). Houve também a contribuição formativa: além de professor universitário da Universidade de São Paulo e da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Teixeira Coelho ministrou cursos que visavam formar gestores culturais dentro e fora do Brasil, compreendendo a gestão não

Espanha, em 06 de dezembro de 2017.

⁵ Fliperama sem creme (1984), Niemeyer: um romance (2003), As Fúrias da Mente: viagem pelo horizonte negativo (1998), História Natural da Ditadura (2006), O homem que vive: uma jornada sentimental (2011), Os históricos (1993) e Céus derretidos (1996).

como sucessão de atos administrativos, mas como propulsora de condições para que as pessoas pudessem inventar seus próprios fins no universo da cultura. Dentre as experiências acadêmicas dessa natureza, ao longo de onze anos, dedicou-se – ao lado de Alfons Martinell – ao Curso de Gestão e Políticas Culturais (Universidade de Girona/Itaú Cultural). No jornalismo cultural, colaborou com veículos de comunicação como Folha de S.Paulo, o Estado de S. Paulo, a revista Veja e a revista Bravo.

Dentre as inúmeras possibilidades de abordar sua atuação acadêmica e em diferentes práticas institucionais, escolhemos começar mencionando sua experiência à frente do Museu de Arte Contemporânea (MAC) da Universidade de São Paulo. No MAC, "o objetivo da sua gestão foi integrar a instituição ao cenário das artes e da cultura da cidade de São Paulo"⁶. Teixeira Coelho reformou estruturalmente o MAC baseado em parâmetros internacionais. Liderou uma profunda reforma no MAC com apoio financeiro do Programa de Apoio à Infra-Estrutura da FAPESP, da reitoria da Universidade de São Paulo e da Fundação Vitae.

A FAPESP deu a maior contribuição para a reforma da sede: R\$ 2,7 milhões. A Fundação Vitae cedeu cerca de R\$ 100 mil para a construção do Gabinete de Papel e a reitoria da USP forneceu R\$ 54 mil para a construção do auditório, última obra entregue pela gestão, em fevereiro. Paralelamente à preocupação com o aspecto físico do museu, que antes da reforma apresentava condições precárias para a apreciação da arte – por exemplo, com a presença de um restaurante entre o espaço expositivo e a reserva técnica -, Teixeira Coelho estabeleceu alianças importantes para recuperar uma visibilidade que o museu já tivera no passado⁷.

As mudanças estruturais influenciaram o projeto curatorial do MAC.

As melhorias no espaço físico e a maior visibilidade do museu para a comunidade ajudaram o MAC a caminhar na efetivação de um terceiro objetivo lançado pela gestão Teixeira Coelho no início de seu mandato. Trata-se da inserção do museu no circuito

⁶ Disponível em: <https://www.agoraeca.com.br/2022/08/10/teixeira-coelho-1944-2022/>. Último acesso 10.jan.2024.

⁷ Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/museu-universitario-de-estatura-nacional/>. Último acesso 10.jan.2024.

internacional, a qual começa de algum modo a ser alcançada com a escolha do MAC, por parte da Tate Gallery, de Londres, para abrigar uma grande exposição de arte inglesa moderna e contemporânea no Brasil, em 2003. Trata-se de uma mostra de cerca de 120 obras, de cerca de 50 artistas, entre eles nomes fundamentais da arte inglesa, como David Hockney, Francis Bacon e a dupla Gilbert e George.⁸

Além do MAC, Teixeira Coelho ocupou o cargo de diretor e curador do MASP. Antes de sua gestão, o MASP passou por uma crise orçamentária "(...) com o aparecimento de grandes dívidas com serviços, como o do fornecimento de energia elétrica - o que levou a AES Eletropaulo a cortar a luz do museu. A dívida da eletricidade, de R\$ 3,4 milhões, foi renegociada. Há outra, de R\$ 4 milhões com o INSS, que é questionada na Justiça"⁹.

Ao comentar aspectos de sua experiência como diretor e curador do MASP, Teixeira Coelho saiu em defesa da "rediscussão de um contrato social para museus"¹⁰. Sobre esse tema, o pensador comenta:

Nessa rediscussão do contrato social para os museus, o poder público poderia esclarecer, por exemplo, pois também ele deve prestar contas, por que a indústria automobilística (que pode se deslocar para a China a qualquer momento) recebe tantos poderosos incentivos (ganha o terreno, não paga impostos durante anos, tem financiamento público a juros amigos) enquanto o setor cultural, em que, no entanto, trabalham muito mais pessoas, fica apenas com os clássicos, limitados e criticados incentivos fiscais (e, no entanto, um museu nunca iria se deslocar para a China, nunca os recursos nele investidos se esfumariam da noite para o dia). E caberia perguntar, a todos, por que este país, que tem no Sesc um modelo de política cultural bem-sucedida, coisa de Primeiro Mundo, não gera solução análoga para os museus - quer dizer, amparo público, gestão privada e significação social.¹¹

⁸ Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/museu-universitario-de-estatura-nacional/>. Último acesso 10.jan.2024.

⁹ Disponível em: http://www.forumpermanente.org/imprensa/dossie-masp/teixeira_masp_estadao. Último acesso 10.jan.2024.

¹⁰ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2805200616.htm>. Último acesso 10.jan.2024.

¹¹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2805200616.htm>. Último acesso 10.jan.2024.

De acordo com Teixeira Coelho, a “responsabilidade social pela cultura não significa só patrocinar exposições, mas comparecer o tempo todo, mesmo quando o assunto não tem *glamour* (pagar conta de luz). E ao terceiro setor cabe arregaçar muito mais suas mangas culturais”¹².

À frente do MASP, Teixeira Coelho defendia um projeto curatorial de desconstrução cronológica, privilegiando um recorte temático. Sobre as alterações estruturais no MASP ao longo de sua gestão, as paredes foram “(...) pintadas com cores que absorvem a luminosidade e a mudança nos painéis que exibem as telas, que ganharam disposição diferente e abriram corredores de ponta a ponta da sala”¹³.

Segundo a artista, pesquisadora e professora Regina Silveira, Teixeira Coelho era um bom contador de história da arte, e as exposições com sua curadoria criavam narrativas amparadas na qualidade dos textos especialmente escritos, operando a mediação entre artista e público (2016, p. 39).

No campo da formação, extrapolando os limites da universidade, destaca-se a atuação de Teixeira Coelho no “Curso de Especialização em Gestão e Políticas Culturais”. Oferecido pela Universidade de Girona e pelo Itaú Cultural, a referida pós-graduação formou e conectou inúmeros gestores culturais.

O “Curso de Especialização em Gestão e Políticas Culturais” alterou a paisagem do fazer cultural no Brasil e fora dele ao criar conexões, parcerias e trocas entre gestores, pesquisadores e atores culturais de todo tipo. Estima-se que passaram pelo curso mais de quinhentos e quarenta alunos. Teixeira Coelho produzia conteúdos exclusivos sobre crítica cultural contemporânea e mantinha ativo um repositório de textos inéditos para todos os ex-alunos.

Com duração de um ano, o curso (*lato-sensu*) contava com uma abordagem dinâmica de conteúdos e os palestrantes eram intelectuais de diversos países. Participaram, no decorrer dos onze anos de curso, os seguintes intelectuais: Arturo Navarro, Cláudia Sousa Leitão, Danilo dos Santos Miranda, Eduardo Miralles, Eduardo Nivón Bolan, Enrique Bustamante, Enrique Jeronimo Saravia, Farès el-Dahdah, Farida Shaheed, Jurema Machado de Andrade Souza, Lúcia Maciel Barbosa de Oliveira, Marcos Fernandez Cuzziol, Michel Maffesoli, Néstor García Canclini, Nicolas Shumway, Patrice Meyer-

¹² Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2805200616.htm>. Último acesso 10. jan.2024.

¹³ Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/imprensa/?p=901>. Último acesso 10.jan.2024.

Bisch, Rebecca Walton, , Ricardo Ohtake, Wolfgang Bader, Xavier Philippe Greffe, dentre outros.

A seguir, segue a proposta pedagógica desenhada por Teixeira Coelho e Alfons Martinell:

Trata-se de um curso orientado pela ideia de gestão cultural entendida não como sucessão de atos rotineiros de administração, mas como conjunto de iniciativas inovadoras e criadoras a tomar para que os destinatários da ação cultural inventem seus próprios fins culturais. Seus princípios serão aqueles da política cultural comparada com base na experiência concreta de gestores consagrados e na reflexão sobre os principais problemas e soluções encontrados na prática da gestão cultural em diferentes países e momentos da história. É um curso que entende a gestão como a capacidade de resposta na situação de proximidade no âmbito local e em sua relação com uma sociedade global cada vez mais conectada.¹⁴

Como indicado anteriormente, Teixeira Coelho fundou o Observatório de Políticas Culturais da ECA/USP e coordenou a elaboração do "Dicionário Crítico de Política Cultural".

Inédita para o seu campo, a qualidade do conteúdo e o modo como está organizado fizeram do "Dicionário Crítico de Política Cultural" uma referência para os pesquisadores da cultura. A elaboração dos verbetes críticos contou com uma equipe composta por renomados especialistas em política cultural. A obra foi lançada inicialmente no Brasil em 1997 em seguida na Espanha e no México.

O "Dicionário Crítico de Política Cultural" é composto por mais de duzentos e cinco termos sobre temas relativos à política cultural como campo de conhecimento e como prática – além de seiscentos e sessenta e um termos que são contextualizados ao longo da obra.

Sobre o teor do "Dicionário Crítico de Política Cultural", Teixeira Coelho destaca como, na contramão do projeto científico moderno, temos a produção de conhecimento pós-moderna que, dentre outras coisas, se centra na capacidade interpretativa

¹⁴ Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/curso-de-especializacao-e-politicas-culturais>. Último acesso 10.jan.2024.

do sujeito, problematiza a questão do método e privilegia a possibilidade de elaboração de um estudo baseado na crítica. É justamente neste contexto que a política cultural surge como campo de conhecimento. A política cultural configura-se como uma "ciência da organização das estruturas culturais" (1997, p. 313), ou seja, a "política cultural é, ela mesma, uma ciência cultural, como a sociologia ou a ciência política" (ibidem, p. 102).

Como prática, a política cultural é definida no "Dicionário Crítico de Política Cultural" como "o estudo de diferentes modos de proposição e agenciamento" (Teixeira Coelho, 1997, p. 313) da ação cultural, no sentido de intervenções diretas que ocorrem no processo cultural e normas jurídicas, aqui entendidas como ações do Estado "ou procedimentos tipificados, em relação aos demais agentes que regem as relações entre os diversos sujeitos e objetos culturais" (idem).

O "Dicionário Crítico de Política- Cultural" legitima, portanto, a política cultural como campo de conhecimento; fornece sólidas definições conceituais sobre temas pertinentes à área cultural a partir de uma perspectiva interdisciplinar; demonstra que prática e reflexão caminham juntas e são indispensáveis tanto para a análise como para a formulação e implementação de ações culturais.

Néstor García Canclini, no evento "Elogio à Invenção dos Próprios Fins: Homenagem a Teixeira Coelho"¹⁵, comenta que o legado editorial de Teixeira Coelho se destaca pela capacidade do intelectual de manejar distintos conteúdos e disciplinas relativas à área das humanidades.

Canclini ressalta o modo como o "Dicionário Crítico de Política Cultural" foi recebido em distintos países fez com que Teixeira Coelho fosse convidado para ministrar cursos sobre políticas culturais em diversas partes do globo – contribuindo, assim, para uma ampla formação de gestores culturais.

Canclini destaca que foram incluídas experiências artísticas no "Dicionário Crítico de Política Cultural". Para o antropólogo, essa escolha se deve à preocupação de Teixeira Coelho de alertar seus leitores sobre as consequências de uma possível comunhão entre cultura e política. Na fala de Canclini, fica evidente a crítica tecida por Teixeira Coelho sobre a possibilidade de a cultura e a arte se dissolverem na política.

¹⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qwTqZ2Xc4xw>. Último acesso 10.jan.2024.

Movimento, não o seu contrário

Ao atribuir sentido ao termo arte, o "Dicionário Crítico de Política Cultural" mobiliza pensadores de distintas disciplinas e alerta para os riscos de uma apropriação indevida da arte pela política cultural, problematizando, assim, a substituição da arte pela afirmação de valores culturais. Lê-se:

Quando uma política cultural promove determinada forma de arte como valor cultural ou ideia civilizatória, diz-se que esse procedimento é mais propriamente intelectual (ou simbólico, sujeito às lógicas, à argumentação racional, na definição de Charles S. Peirce) do que estético (ou icônico, próprio da intuição, da emoção e da sensação, ainda nos termos da semiótica peirceana), o que daria motivos para denominá-lo de secundário em relação ao procedimento artístico propriamente dito. De todo modo, é pelo desenvolvimento da capacidade crítica, entendida como faculdade de distinguir entre uma coisa e outra, e da reflexão sobre a natureza e possibilidades da arte (estética) que se estimula a apreciação artística, a apreciação da arte entendida como arte e não apenas como valor cultural. (1997, p. 45)

Assim como Canclini identifica que o "Dicionário Crítico de Política Cultural" empenha-se em mostrar a diferença entre arte e política, na mesma obra, é possível identificar a distinção entre arte e cultura a partir da ideia de valor cultural.

De acordo com a reflexão extraída do "Dicionário Crítico de Política Cultural" (Teixeira Coelho, 2014), os valores culturais possuem caráter orientativo e podem ser observados em um indivíduo ou em um grupo. As fontes do valor cultural estão localizadas em distintas matrizes, dentre as quais a religiosa, a política, a social e a profissional.

Isto posto, diferentemente do valor cultural, a arte não se caracteriza apenas pela afirmação de valores religiosos, educacionais, políticos, identitários, dentre outros. A arte convoca a experimentação, a incerteza, o enigma. A dimensão crítica e criativa da arte é importante, dentre outras coisas, para atualizar a cultura, para lembrá-la que ela não se constitui apenas da afirmação de valores culturais.

Dito de outro modo, a arte não nega seu caráter questionador, incerto, instável, imprevisível e enigmático. Não se preocupa em elaborar respostas, afirmar valores ou

certezas. Ela não se consubstancia como uma invenção humana feita para manipular ou condicionar comportamentos. Pelo menos, essa é a definição de arte que parece interessar Teixeira Coelho.

Em seu turno, a cultura, nas palavras de Teixeira Coelho, pode ser entendida (2008, p. 56) “(...) como uma longa conversa, de tal modo que quando inexistente conversa, inexistente cultura, pura e simplesmente: existem palavras de ordem, dogmas, mas não cultura”.

Nota-se que se trata de criar condições para que em tal conversa haja espaço para elaborar perguntas, expor incertezas, propor modelos críticos, questionar o politicamente aceito e experimentar o novo e o diferente.

Voltamos aqui ao tema da arte. Se pensada como o oposto da cultura, a arte não está preocupada com o equilíbrio. Não raro, ela viabiliza uma experiência que desestabiliza nosso estado de homeostasia. A experiência artística não garante a reconciliação com a natureza ou com os valores que determinam o funcionamento da sociedade.

A definição de Ariane Mnouchkine sobre o sentido da arte se aproxima do sentido encontrado nos escritos de Teixeira Coelho sobre o mesmo termo.

Em entrevista ao jornal "Le Monde", a diretora do Théâtre du Soleil¹⁶, Ariane Mnouchkine, disse: "sempre tenho a impressão de que a arte do teatro me foge"¹⁷. Na mesma oportunidade, comentou que o objetivo que orienta seu trabalho é redescobrir a arte do teatro.

Para Mnouchkine, não é sempre que o teatro dá as caras, "há dias sem teatro, às vezes semanas. As palavras e os movimentos estão presentes. Às vezes, até, é muito bom o que acontece, o riso está aqui, mas a emoção não está e, portanto, o teatro também não"¹⁸. A diretora sublinha que é preciso trabalhar muito para que o teatro não escape. Sua aparição é um enigma.

A impossibilidade de prever o acontecimento teatral faz parte do trabalho diário dos artistas do *Théâtre du Soleil*. Quando acontece, a experiência teatral pode "restaurar a luz, restaurar a força, restaurar a confiança"¹⁹.

¹⁶ Companhia de teatro francesa fundada no ano de 1964.

¹⁷ Disponível em: https://www.lemonde.fr/culture/article/2021/11/08/ariane-mnouchkine-j-ai-toujours-l-impresion-que-l-art-du-theatre-me-duit_6101401_3246.html. Acesso em: 10 jan. 2024.

¹⁸ Disponível em: https://www.lemonde.fr/culture/article/2021/11/08/ariane-mnouchkine-j-ai-toujours-l-impresion-que-l-art-du-theatre-me-duit_6101401_3246.html. Acesso em: 10 jan. 2024.

¹⁹ Disponível em: https://www.lemonde.fr/culture/article/2021/11/08/ariane-mnouchkine-j-ai-toujours-l-impresion-que-l-art-du-theatre-me-duit_6101401_3246.html. Acesso em: 10 jan. 2024.

A diretora do *Théâtre du Soleil* celebra quando o teatro aparece e, ao mesmo tempo, se mostra plenamente de acordo com sua impermanência.

Mnouchkine convida-nos a refletir sobre a capacidade de a arte restaurar potencialidades e, igualmente, chama nossa atenção sobre a possibilidade de encarar com naturalidade a imprevisibilidade que caracteriza o acontecimento artístico. Em certo sentido, a diretora do *Théâtre du Soleil* incita-nos a entender o mistério – comum ao fazer artístico – de maneira elogiosa.

Seja por intermédio de suas falas públicas, aulas ou em suas produções textuais, é possível identificar, sem grande dificuldade, que Teixeira Coelho sai em defesa do direito à prática poética desvencilhada de compromissos políticos e sociais.

No livro “Uma outra cena” (1983), Teixeira Coelho comenta que a obra artística que se deixa sequestrar pela polidez do socialmente aceitável perde sua capacidade disruptiva – responsável por lhe fazer ir além. Fazer da escrita poética um reforço da realidade, ou ainda, uma afirmação daquilo que é politicamente correto pode restringir o prazer de quem escreve e impõe limites ao exercício crítico e experimental que atribuem sentido à arte.

Uma possível fonte de prazer que aparece na obra de Teixeira Coelho está na liberdade de questionar a realidade sem necessariamente obrigar-se a pactuar com o óbvio. Em consonância com esse pensamento, é possível ampliar conhecimentos e construir imaginários. Ou seja, a prática poética ensina que é preciso não apenas reconhecer a realidade e seus dispositivos, mas encontrar meios para tentar decifrá-los. Trata-se de propor modelos passíveis de crítica para superar amarras sociais, de ousar no exercício reflexivo e, se necessário, assumir a dúvida. Tal proposta requer análises aprofundadas sobre um mesmo objeto; não menos importante é considerar que, reiteradamente, Teixeira Coelho insiste que um mesmo objeto deve ser observado por inúmeras e distintas óticas. Ao aplicar essa lógica à cultura, comenta:

É evidente que, como a cultura é um processo e não um estado, aquilo que num determinado momento histórico é cultura, em outro pode transformar-se em *habitus*, a ser confrontado por nova proposição cultural. Este encaminhamento da discussão leva a que se acrescente agora uma pequena precisão à ideia inicial de que toda ação cultural, como instrumento de uma política cultural, trata de criar as condições para que as pessoas inventem seus fins (Teixeira Coelho, 2008, p. 33).

Além de alcançar diagnósticos, as várias maneiras de observar um mesmo objeto lançam os escritos do pensador para o futuro. São obras carregadas de poesia. Sejam as ficções, os artigos acadêmicos ou jornalísticos, as produções de Teixeira Coelho estão sintonizadas com o presente e ao mesmo tempo mantêm certo distanciamento dele. Assim como suas propostas curatoriais, Teixeira Coelho parece aceitar a mistura entre os tempos e prefere debruçar-se sobre a identificação e a análise de temas urgentes para a cultura.

Preocupado com temas que assolam nosso presente e podem reverberar em questões culturais futuras, o acadêmico liderava um grupo no Instituto de Estudos Avançados (IEA) sobre humanidades computacionais. O grupo contava com a participação de artistas, físicos, biólogos, dentre outros. Sua dedicação sobre o tema se expressa, de igual modo, nas publicações e traduções de obras que alertavam sobre as consequências dos avanços tecnológicos²⁰.

A prática da poesia e a poesia da prática

Manuel da Costa Pinto, sobre Teixeira Coelho: "(...) borra os limites entre o crítico e o artista, entre o ensaísta e o escritor, é fundamental -- melhor dizendo: fundante" (2016, p. 50).

Manuel da Costa Pinto identifica que Teixeira Coelho é, a seu modo, um romântico que possui "(...) uma maneira muito particular de ver o romantismo, enxerga no sublime romântico a "profecia retrospectiva" de seu próprio modo de conceber a arte" (2016, p. 49).

Identificamos, não por acaso, tanto em seus textos teóricos como literários, o apreço do autor pela liberdade. Não raro, o sublime é um tema que orbita sua obra.

Segundo a análise do crítico sobre a obra de Teixeira Coelho "não existe distinção entre uma consciência reflexionante, conceitual, e a concretude do objeto artístico (...)" (2016, p. 49). As produções ficcionais de Teixeira Coelho revelam uma "(...) pegada teórica avessa ao dualismo que antepõe sujeito e objeto, mundo e representação, coisa e linguagem, põe em xeque as próprias representações, no sentido de escavar os impulsos

²⁰ A exemplo desses títulos, podemos mencionar: "Com o cérebro na mão", "eCULTURA: A Utopia Final" (2019), "A Máquina Parou" de E.M. Forster (2019), "A singularidade está próxima: quando os humanos transcendem a biologia" de Ray Kurzweil (2018).

que conduzem os meandros analíticos (2016, p. 49)".

Segundo Manuel da Costa Pinto é possível observar que Teixeira Coelho cria condições para que "(...) sua voz ensaístico-ficcional ecloda uma reivindicação negativa, uma recusa de ser colonizado pela gravidade do mundo e pela linguagem que o reproduz" (2016, p. 59). A partir de uma escrita autoral deflagradora da narrativa, a autonomia do sujeito é escavada no campo da literatura, compreendido como fórum de discussão da contemporaneidade.

Celso Favaretto nota como "(...) o percurso de Teixeira Coelho se faz, de ponta a ponta, sob o signo da atualidade" (2016, p. 29). Sobre o sentido do termo atualidade, Celso Favaretto ressalta que o sentido desse termo no referido contexto pode ser entendido como "(...) a radicalização em um mundo móvel, deslizante, que por contínuos deslocamentos gera a imagem do que se designa por contemporâneo, como índice de atuação: presença viva no tempo, descontínuo, ambivalente, obscuro" (Idem).

De acordo com Celso Favaretto, a obra de Teixeira Coelho possui relação com a ideia de contemporâneo em Giorgio Agamben.

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque exatamente por isso, não conseguem vê-la não podem manter fixo o olhar sobre ela. (2009, p. 59)

Favaretto refere-se a obra de Teixeira Coelho como sendo a produção de um ser humano contemporâneo, isto é, de acordo com o conceito definido por Agamben, "(...) aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro" (2009, p. 62).

Nas palavras do próprio Favaretto (2016, p. 33 e 34), trata-se "(...) de abrir passagens entre os jogos heterogêneos de linguagens, de conhecimentos, de ética, de política, sem que se aspire a um fim unitário da história e a um sujeito substancial, como nas Luzes, como diz J.-L. Lyotard".

Sobre o marcador da atualidade presente na trajetória de Teixeira Coelho,

Favaretto vai além e comenta:

Esta atitude é visível nos textos críticos, ela é palpável nos textos de combate e, sobretudo, na ficção. Nesta, encontra-se a figuração do que se inscreve na produção teórica, crítica e cultural -- na direção de museus, nas curadorias, nos livros de Teoria e de Crítica de Artes Plásticas, de Teatro, de Arquitetura, de Semiologia, de Política Cultural, nos artigos de jornais e revistas, na organização e edição de livros, nas traduções --, lugares que, concentrando as derivas dos seus interesses e o sentido de oportunidade, kairós, mobilizam o anjo da história que passeia por toda parte onde seu trabalho inscreve signos da atualidade, marcadores de um pensamento de errância, do incomensurável da experiência contemporânea, incorporados por uma atitude impulsional que se configura através de uma análise prismática toda feita do imbricamento de sentimento, sensação e pensamento. (2016, p. 34)

Celso Favaretto completa:

Pode-se dizer que Teixeira afirma nos textos críticos e nas narrativas um pensamento da experiência, em que o imbricamento de experiência e pensamento está imantado de afeto. Assim, se como ele diz, a arte não é para ser entendida (...) deve descer sobre as pessoas como uma nuvem, é um enigma que quer ser decifrado mas não de imediato, os pensamentos, diz Lyotard, são nuvens: feitos também de coração e pele, mudam continuamente de posição, dependendo do modo como alguém deles se aproxima. (p. 37 e 38).

Como elucidamos no início do artigo, Teixeira Coelho deseja provocar o pensamento crítico rigoroso, expandir a liberdade e a autonomia, a partir da miríade de caminhos em que atuou. Talvez uma boa forma de finalizar a presente reflexão seja importar a epígrafe que abre seu premiado livro “História natural da ditadura”, extraída de “A tempestade”, de William Shakespeare:

I drink the air before me and return.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2012.

OLIVEIRA, Lucia Maciel Barbosa de (org). *Ampliação da esfera de presença do ser: reflexões em torno da obra de Teixeira Coelho*. São Paulo: Edições Barbatana, 2016.

MONTESQUIEU, Charles de Secondat. *O gosto*. Tradução e posfácio Teixeira Coelho. São Paulo: Iluminuras, 2005.

TEIXEIRA COELHO. *A cultura e seu contrário: cultura, arte e política pós-2001*. São Paulo: Editora Iluminuras; Itaú Cultural, 2008.

_____. *Dicionário crítico de política cultural*. Cultura e imaginário. Revisão: Ana Paula Cardoso. São Paulo: Editora Iluminuras, 1997.

_____. *Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário*. 2. ed., rev. e ampl. 1. reimp. São Paulo: Editora Iluminuras, 2014.

_____. *História natural da ditadura*. São Paulo: Iluminuras, 2006.

_____. *Uma outra cena: teatro radical, poética da artevida*. São Paulo: Artnova, 1983.